ANPV 1.1174.4 2

RUA DOS CAXINUÁS

Decreto nº 4976 de 28-10-1976, Artigo 2º, Inciso XVIII

Formada pela rua 18 da Vila Costa e Silva
Início na rua dos Maracatins
Término na rua dos Iguás
Vila Costa e Silva

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Lauro Péricles Gonçalves. Protocolado nº 17.054 de 01-07-1976 em nome de Administração Regional.

CAXINUÁS

Caxinuás é tribo de índios brasileiros, localizados no alto do rio Juruá, no Amazonas. Também no Acre havia um grupo de Caxinuás. Restam pouquissimos membros atualmente, havendo sua maioria sido dizimada pelas doenças levadas pelos "brancos". Possuiam uma vida social bem adiantada e sua moradias eram feitas de barro, como também a arte de cerâmica era muito bem feita. Dezenas são as lendas que cercam os Caxinuás, e uma das mais bonitas é a do repovoamento da Terra, por eles. Conta-se que um dia, há muito tempo, tudo começou a ficar escuro e imensa tempestade desabou sôbre a terra. Chuva interminável, relâmpagos, trovões, uma tragédia. Afinal, o céu se quebrou, veio abaixo e matou todos os homens, todos os animais. A terra se revirou para cima e virou céu e o céu virou terra. E as almas dos índios mortos ficaram vivendo no céu. Mas lá no céu, viva mesmo, uma índia que estava grávida e como isso não podia ser, os relâmpagos mataram-na e as almas atiraram-na à terra. O cadáver desceu sôbre uma nuvem, que o depositou, com jeito, na beira do mar. Um caranguejo, ao encontrar aquele corpo ainda quente, sentiu que algo palpitava nele. Chamou sua mulher, para ver o que havia de fazer e o caranguejo-fêmea disse que deviam abrir o ventre da mulher morta. Abriram-no com uma pata de seriji e apareceram duas crianças: um casal. Os caranguejos, depois de fazerem essa "cesariana", cuidaram das crianças, vriaram-nas e delas nasceram todos os caxinuás que povoaram a terra. É por isso que eles se chamam caxinuás. Caxinuá quer dizer "homem caranguejo" e o caranguejo é o seu totem.

ANPV 1.1174.2

RUA DOS CAXINUÁS

Decreto nº 4976 de 28-10-1976

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL CAMPINAS ARTHUR N. P. VILLAGELIN

ARTIGO 2.o — Ficam denominadas as vias públicas da VILA COSTA E SILVA:

I — RUA DOS AIMORÉS — a Rua 1 que tem início na Rodovia Campinas-Barão Geraldo e término na Avenida 1 — Jardim Santa Genebra 1.ª Parte.

II — RUA DOS ANAPURUS — a Rua 2 que tem início à Rua 40 e término na Rua 38, ambas da Vila Costa e Silva.

III — RUA DOS ARATÃS — a Rua 3 que tem início à Rua 35 e término à Rua 30, ambas da Vila Costa e Silva.

IV — RUA DOS ARAPANÉS — a Rua 4 que tem início à Rua 40 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

V — RUA DOS ARAÉS — a Rua 5 que tem início à Rua 40 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

VI — RUA DOS AUETÉS — a Rua 6 que tem início à Rua 40 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

VII — RUA DOS APIACÁS — a Rua 7 que tem início à Rua 40 e término à Rua 37 da Vila Costa e Silva.

VIII — RUA DOS AIPUÁS — a Rua 8 que tem início à Rua 40 e término à Rua 37 da Vila Costa e Silva.

IX — RUA DOS AICUXUNAS — a Rua 9 que tem início à Rua 40 e término à Rua 37 da Vila Costa e Silva.

X — RUA DOS AÇOCÉS — a Rua 10 que tem início à Rua 34 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

XI — RUA DOS ARUAQUES — a Rua 11 que tem início à Rua 34 e término à Rua 30 da mesma Vila Costa e Silva.

XII — RUA DOS BAROROS — a Rua 12 que tem início à Rua 34 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

XIII — RUA DOS CAMURIS — a Rua 13 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XIV — RUA DOS CAMAIURÁS — a Rua 14 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XV — RUA DOS CANINGÁS — a Rua 15 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XVI — RUA DOS CARAJÁS — a Rua 16 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XVII — RUA DOS CAIABIS — a Rua 17 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XVIII — RUA DOS CAXINUÁS — a Rua 18 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XIX — RUA DOS CAETÉS — a Rua 19 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XX — RUA DOS CARIJÓS — a Rua 20 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XXI — RUA DOS CATAGUASES — a Rua 21 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XXII — RUA DOS CHANÉS — a Rua 22 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XXIII — RUA DOS CARINÁS — a Rua 23 que tem início à Rua 36 e término à Rua 29 da Vila Costa e Silva.

XXIV — RUA DOS CAIAPÓS — formada pelas Ruas 24 e 25 da Vila Miguel Vicente Cury, tendo início à Rua 36 da Vila Costa e Silva e terminando à Rua 7 da Vila Miguel Vicente Cury.

XXV — RUA DOS GUARANIS — a Rua 25 que tem início à Rua 36 e término à Rua 29 da Vila Costa e Silva

XXVI — RUA DOS GUAIANASES — a Rua 26 que tem início pela própria Rua 26 e pela 22 da Vila Miguel Vicente Cury, começa na Rua 36 e termina à Rua 5 da Vila Miguel Vicente Cury.

XXVII — RUA DOS GUARAMOMIS — a Rua 27 que tem início à Rua 36 e término à Rua 29 da Vila Costa e Silva.

1855? — Poeta — a Rua 46 que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XXIII — RUA JOÃO FRANCISCO LISBOA (1812 — 1863) — Escritor — A Rua 49, que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XXIV — RUA VISCONDE DE INHOMERIM — (1812 — 1876) — Jornalista e Escritor — a Rua 50 que tem início à Rua 46 e término à Rua 49 do mesmo loteamento.

XXV — RUA MARTINS PENA (1815 — 1848) — Escritor — a Rua 51 que tem início à Rua 42 e término à Rua Alfredo Borges Teixeira.

ANPV I 1174.3
BIBLIOTECA PARTICULAR CAMPINAS ARTHUR N. P. VILLAÇA

Lendas, Mitos e Crendices do Brasil

J. M.

O acuti-puru salva os caxinauás

UM dia, na taba dos caxinauás, veio a fome. Os homens foram para longe procurar o que comer e as mulheres que ficaram faziam mingau de terra, para não morrerem de fome. Uma mulher, indo ao igarapé buscar agua, viu na arvore um acuti-puru vermelho. Assustada, fugiu para casa. E quando estava fazendo o seu mingau, viu que chegava um moço bonito. Mandou-o entrar, mas disse que nada lhe podia dar de comer, porque estavam passando a mingau de tabatinga. Ele lhe disse que era o acuti-puru vermelho, que se tinha encantado em gente. Tendo a mulher dito a ele que só tinham em casa casca de milho, casca de banana, casca de mudubim, disse o moço que lhe entregassem essas cascas e que as mulheres fossem deitar-se em suas redes, escondendo o rosto.

Elas assim fizeram e o moço assoprou naquelas cascas todas, que se transformaram logo em milho verde, bananas, mudubim. E, em seguida, ele desapareceu. As mulheres, muito alegres, derramaram no chão o mingau de terra e mataram a fome.

Desde então, o acuti-puru ficou sendo o duende protetor das roças dos caxinauás, e até hoje lhes dá fartura de tudo.

JOÃO-DE-BARRO E OS CAXINAUÁS

É surpreendente o espírito de observação dos nossos Indios. De tudo, principalmente dos animais, eles tiravam proveito, com tudo eles aprendiam. E ligavam as estrelas, os animais, as plantas à sua vida diária, dando-lhes a maior importância. Com lendas ingênuas, como esta, rendiam-lhes homenagens e agradecimentos...

"Os caxinauás não faziam casa, dormiam no chão; assim como não tinham panelas: só comiam carne assada.

"Um dia, eles quiseram pegar o ninho do joão-de-barro para usar como panela, mas o pássaro bicou-os e eles fugiram. Depois, o joão-de-barro procurou-os e perguntou se queriam aprender a fazer panelas, casas. E como eles dissessem que sim, o pássaro mandou-os buscar barro.

"Agora, vejam como se faz a panela. "Ele fez uma e os Indios aprenderam.

"Depois, o joão-de-barro mandou buscar muito barro e mostrou-lhes como podiam fazer casas. Os caxinauás passaram, então, a fazer suas casas de barro, como haviam aprendido com o pássaro.

"É por isso que o joão-de-barro é, para os caxinauás, um pássaro sagrado. Eles o protegem e defendem. Porque aprenderam a fazer com o pássaro as casas onde moram e a cerâmica que usam."

O FIM DOS CAXINAUÁS

Este é o resumo de uma lenda dos Indios Caxinauas, do alto do rio Juruá, divulgada por Hobert Baldus, em "Lendas dos Indios do Brasil".

Os Caxinauás viviam na fartura, tinha muita roça e muitas casas. Todas as moças se tinham casado, menos uma, que resistiu a todas as imposições dos pais, dos outros homens, e dormia na sua rede colocada bem alto. Uma noite, toda a tribo se embebedou muito com o suco fermentado das palmas. Dormiram, roncaram o, roncando todos viraram porcos do mato, menos a moça Quando acordou, esta viu que todos haviam virado porcos e fugido para o mato. Ouviu um assobio e viu que havia um meninozinho dentro de uma caixa pendurada na cumeeira. Tirou-o e gostou do menino, que estava rindo. No dia seguinte, o menino era rapaz e no terceiro dia já era homem. A moça fez para ele arco e flechas e ele fisgou peixes e matou caça. E os dois se casaram. Um dia, ele foi caçar e trouxe dois porcos do mato, que a moça reconheceu como sendo seu pai e seu irmão. Então, eles já tinham um filho e os três foram embora daquele lugar, ninguém sabe pra onde...

OS CAXINAUÁS

Uma de nossas lendas mais bonitas é a do repovoamento da Terra, pelos caxinauas. Conta-se que um dia, faz muito tempo, tudo começou a ficar escuro e imensa tempestade desabou sobre a terra. Chuva interminável, relâmpagos, uma tragédia sem fim. Afinal, o céu se quebrou, veio abaixo e matou todos os homens, todos os animais. A terra se revirou para cima e virou céu e o céu virou terra. E a alma dos índios mortos ficaram vivendo no céu. Mas lá no céu ficou, viva mesmo, uma índia que estava grávida e como isso não podia ser, os relâmpagos mataram-na e as almas atiraram-na à terra. O cadáver desceu sobre uma nuvem, que o depositou, com jeito, na beira do mar. Um caranguejo, ao encontrar aquele corpo ainda quente, sentiu que algo palpitava nele. Chamou sua mulher, para ver o que se havia de fazer e o caranguejo-fêmea disse que deviam abrir o ventre da mulher morta. Abiram-no com uma pata de seriji e apareceram duas crianças: um casal. Os caranguejos, depois de fazer essa "cesariana", cuidaram das crianças, criaram-nas e delas nasceram todos os caxinauás que povoaram a terra. É por isso que eles se chamam caxinauás. Caxinauá quer dizer "homem caranguejo" e o caranguejo é o seu totem.

OS CAXINAUÁS E O DILUVIO.

Eis mais uma lenda dos nossos silvícolas sôbre o Dilúvio Universal. Contam que há muito tempo tudo ficou escuro e uma imensa tempestade desabou sôbre a Terra. Chuvas intermináveis, relâmpagos, até que o céu se partiu, veio abaixo e matou todos. A terra revirou-se para cima e virou o céu; o céu virou terra. E as almas dos caxinauás mortos ficaram vivendo no céu. Mas uma caxinauá grávida ficou lá no céu, viva mesmo. Não podia ser, então um relampago a matou e as almas atiraram-na para a terra. O cádaver desceu numa nuvem que o depositou com jeito na beira do mar. Um caranguejo encontrou o corpo e percebeu que algo palpitava nêle. Chamou sua mulher e ela disse que deviam abrir o ventre da mulher morta. Abriram-no com uma pata de serigi e apareceram duas crianças: um casal. Os caranguejos criaram as crianças e delas nasceram todos os caxinauás, que povoaram a Terra. É por isso que se chamam caxinauás — quer dizer "homem caranguejo" —, e o caranguejo é seu tótem.

(Recorte de diversas edições do jornal "Folha de São Paulo", secção "Lendas, Mitos e Crendices do Brasil", de autoria de JM)